

Entre africanos e portugueses:
O pequeno comércio na Praça do Mercado do
Rio de Janeiro, século XIX

Juliana Barreto Farias
(Universidade de São Paulo)

Conforme vêm mostrando diferentes estudos sobre o Rio de Janeiro oitocentista, com a chegada das primeiras levas de imigrantes europeus à capital do Império brasileiro, jovens portugueses, escravos e libertos africanos passaram a competir pelas escassas oportunidades de trabalho na cidade. Pouco a pouco, ruas e mercados foram se transformando em palco para trocas culturais e eventuais alianças, mas, sobretudo, para os mais variados conflitos na luta pela sobrevivência, especialmente no comércio regular e nas vendas a varejo. Na Praça do Mercado, principal centro de abastecimento do Rio a partir da década de 1830, os contatos entre portugueses e africanos também envolviam concorrências e rixas. Contudo, o trabalho e a convivência diária entre eles poderiam ser bem mais complexos, incluindo tanto diferenças e hierarquizações, como aproximações e parcerias.

Situada nos arredores da Baía da Guanabara, local em que “negras de tabuleiro” e vendedores de pescado costumeiramente se fixavam desde meados do século XVII, a construção – também chamada de Mercado da Candelária ou da Praia do Peixe – seguia o modelo arquitetônico de praças mercantis europeias e reunia homens e mulheres de diversas procedências em bancas internas, quitandas e barracas à beira do cais. Nesse grupo, destacavam-se comerciantes originários do Porto ou do Norte de Portugal e alforriados africanos da Costa ocidental, mais conhecidos no Rio de Janeiro como pretos (ou negros) minas. Embora procurassem, prioritariamente, associar-se a seus próprios patrícios e familiares, não era raro encontrar, por exemplo, quitandeiras minas montando sociedades com homens portugueses e até mesmo comprando escravos em conjunto.

Nesta comunicação, buscarei justamente apresentar como esses grupos de pequenos comerciantes se organizavam e se relacionavam na Praça do Mercado do Rio de Janeiro, atentando para as identidades e redes comerciais, familiares, conjugais e também religiosas que constituíram neste e em outros espaços sociais da cidade até pelo menos meados do século XIX.